

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca: uma joia neoclássica no sertão das Alagoas

Jadilson Pimentel dos Santos

IFBA

pimenteljadilson@gmail.com

RESUMO

A Igreja Matriz de Água Branca, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição foi edificada no ano de 1871, às expensas do capitão-mor Joaquim Antônio de Siqueira Torres, o Barão de Água Branca, o qual teria recebido, do Papa Leão XIII, a comenda de São Gregório, por ter construído, com recursos próprios, esse templo cistão. Erigida em pleno sertão do semiárido alagoano, no segundo ponto mais alto do Estado (na microrregião serrana de Água Branca), a igreja, além de ser o marco mais importante da cidade, é considerada por muitos estudiosos como um dos tipos mais autênticos da arquitetura religiosa dos remotos rincões nordestinos. Em sua gramática ornamental chamam a atenção a sua fachada, decorada em estuque, o seu interior, com retábulos neoclássicos, bem como o seu conjunto de imagens sacras, cuja trabalho escultórico e policromias atestam a excelência dos artífices que aí trabalharam. Pautado em informações colhidas em entrevistas locais, fotografias, jornais impressos, crônicas literárias, dentre outras, o presente trabalho avança a discutir acerca do repertório ornamental: artístico e arquitetônico desse monumento religioso, realçando e lançando luzes na memória das gentes e do patrimônio do sertão das Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura religiosa; neoclassicismo; Água Branca.

1 INTRODUÇÃO

O município de Água Branca é detentor de um rico patrimônio material e imaterial derivado de suas vertentes étnicas: os descendentes de colonizadores europeus (principalmente os da família Torres e Sandes) os indígenas remanescentes da comunidade Pagé Kalancó, e os remanescentes quilombolas habitantes dos povoados: Serra das Viúvas e Ouricuri.

A Gramática cultural dessas comunidades reúne diversas manifestações, tais como: Bandas de Pífanos, Danças de São Gonçalo, Dança do Guerreiro, Guerreiros de Santa Joana, Reisado de Nossa Senhora Aparecida, Torés de Índio, Violeiros e repentistas, dentre outros. Também, a cidade abriga diversos casarões, entidades culturais, igrejas e capelinhas.

O centro histórico da pequena Água Branca é uma joia do Brasil colonial, cuja implantação no alto da cordilheira propiciou-lhe charme, elegância e harmonização paisagística entre o entorno e a urbe.

Duas de suas pérolas da arquitetura religiosa subsistiram ao tempo: a igreja do Rosário – datada de 1770, e a igreja da Conceição – de 1871. A igreja do Rosário foi erigida pelo Major Francisco Casado de Melo. É tida pela população local como o primeiro templo da freguesia. É uma pequena igreja/capela, que no século XIX perdeu seu posto para a igreja da Conceição que passou a ser a matriz com sua nova padroeira.

De influência do estilo barroco jesuítico da fase maneirista, com seu frontão triangular, suas paredes grossas e compactas, ela nos remete também ao estilo chão/chã por ser marcada pela austeridade de suas formas, por possuir nave única, capela-mor profunda, interior sem decoração, e exterior com portas e janelas muito simples.

Nessa perspectiva, a ausência de estilo, no sentido formal do termo, faz com que esse exemplar seja caracterizado como um típico exemplo da arquitetura vernacular¹.

Já a igreja de Nossa Senhora da Conceição inaugurada em 1871, foi erguida nos fundos da capela do Rosário. Ambas estão olhando para serra do Ouricuri. Como a primeira igreja era pequena demais, e ficou bastante acanhada para o número de fiéis da cidade e povoações, ergueu-se a segunda: mais monumental e condizente com o gosto estilístico vigente na época. Dessa forma a nossa senhora do Rosário deixou de ser matriz, e uma nova padroeira – Nossa Senhora da Conceição foi aclamada protetora da cidade.

A nova matriz edificada às expensas de Joaquim Antônio de Siqueira Torres, primeiro barão de Água Branca (8 de setembro de 1808, 29 de janeiro de 1888) que foi um abastado proprietário rural brasileiro. O barão de Água Branca casou-se duas vezes. A primeira vez foi com Joaquina Vieira Sandes, com quem teve três filhos. A segunda vez foi com Joana Vieira Sandes (Baronesa de Água Branca) com quem teve oito filhos

Recebeu a comenda da Ordem de São Gregório Magno pelo Papa Leão XIII, por ter patrocinado a construção da igreja matriz de Água Branca e o título nobiliárquico conferido por decreto imperial em 15 de novembro de 1879. Ao mandar construir às suas expensas a Igreja Matriz de Água Branca, reza a tradição local, que este, teria empregado cerca de quatrocentos mil cruzados (Figuras 01 e 02).

¹ “O vernacular é entendido como a construção elaborada segundo uma tradição secular, de origem colonial, que se transformou segundo uma regra tipológica relativamente constante. É a arquitetura de origem popular, cujo tipo foi mantido pelos mestres construtores ao longo dos séculos”. (FURTADO, 2003, p.46)



Figura 01: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Água Branca, AL

Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/agua-branca-a-antiga-mata-pequena.html>



Figura 02: Inscrição em homenagem beneméritos da igreja da Conceição de Água Branca – AL.

Fonte: Jadd Pimentel, 2019.

Tendo em vista o panorama apresentado é importante salientar que na década de 50 do século XIX a solenidade do dogma da imaculada Conceição (1854) com o processo de romanização² da igreja católica no Brasil, que passa a combater as práticas de um catolicismo mais popular adotando pautas mais efetivas de evangelização e catequização, que através de uma lavagem cerebral romanística sutil, e sem entrar em choque com os hábitos religiosos do povo; os romanistas convencem o povo por uma estratégia de substituição. As devoções aos santos populares (Santo Antônio, São José, o Crucificado, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário) são permutadas por outras tais como: devoção ao sagrado coração de Jesus e de Maria, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Lurdes, Cristo Rei etc. É nesse contexto que a substituição da padroeira na década de 60 do século XIX vai se articular.

Outro ponto observado é que a velha devoção ao Rosário, de culto predominantemente negro, e por tanto mais popular, num território de latifundiário como Água Branca, não era de nenhum interesse para as castas mais abastadas, pois no dizer de Oliveira (1985, p.222) não é suficiente apenas ser classe dominante, é mister exercer a hegemonia política e social para permanecer no poder, pois “é o exercício da hegemonia política que torna a burguesia agrária classe dirigente e é o exercício da hegemonia social que torna a classe hegemônica”

2 O CONJUNTO ARQUITETÔNICO RELIGIOSO DE ÁGUA BRANCA

A igreja de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca é um dos templos mais autênticos do sertão de Alagoas. Inaugurada no ano de 1871, revelou o que de mais audacioso e requintado existia por aquelas paragens.

² “Romanização foi um processo efetivado pelo aparelho eclesiástico fortemente hierarquizado que começa nas bases locais e se integraliza verticalmente nas associações religiosas, capelas, paróquias, dioceses... Os romanistas se esforçam em purificar o catolicismo popular dos seus abusos e superstições, realçando a dimensão espiritual da religião”.

Erguida no alto da serra, a quase 700 m de altitude, está implantada num sítio de grande beleza natural, cercada por uma cadeia montanhosa, que faz do lugar um recorte geográfico de clima ameno no verão e inverno frio e chuvoso (diferente dos demais municípios do sertão alagoano).

Esse fato faz dela um motivo de orgulho. Em várias partes da cidade a imagem do templo se perpetua: no mercado municipal, em painéis de xilogravura, nos grafites dos prédios públicos, nos slogans de campanha política etc. (Figura 03).



Figura 03: Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Rosário em grafites do centro de Água Branca – AL.
Fonte: Jadd Pimentel, 2019.

Água Branca é, pois, uma dessas cidadezinhas dos confins dos sertões. Embora o município se estendesse, no passado, até as margens do São Francisco, onde compunha cenários turísticos exuberantes formados por cânions e praias, atualmente ainda apresenta potencial turístico, principalmente o de montanhas, o turismo de inverno e o relacionado ao patrimônio histórico.

O que se destaca de forma exemplar no interior e arrabaldes do sítio urbano é a obra arquitetônica formada pela igreja da Conceição com sua praça contendo vários casarões históricos de beleza singular (Figura 04).



Figura 04: Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca – AL.
<https://everderame.wordpress.com/igrejas-barrocas-brasileira>

O modelo adotado em Água Branca foi tão importante que em povoados e fazendas do município continuam construindo capelas e capelinhas inspiradas no léxico construtivo da Matriz da Conceição. Também em outras paragens, longe da zona em questão, vamos encontrar tipologias, inclusive atuais, dialogando com a matriz, o que possibilita-nos verificar que este templo foi o polo irradiador de todo um modo construtivo.

O que chama atenção é o fato de que, por estar situada no alto sertão, ela apresenta uma ornamentação rebuscada, tornado o monumento um dos templos mais autênticos da região do Baixo São Francisco constituindo-se numa das mais belas *mises-em-scene* da arquitetura do sertão alagoano.

A colocação bem posicionada da igreja em relação à rua principal, bem como o espaço amplo da praça com seu casario histórico, acentuam o efeito de perspectiva e atraí o olhar para a magnífica frontaria da igreja delicadamente ornamentada em seu frontão com repertório temático variado e elaborados simetricamente em relevos fitomórficos de estuque.

Numa análise mais minuciosa acerca desse templo constatamos que este repousa sobre uma caixa de alvenaria alteada e de solo original, construída sobre um aterro composto por camadas sucessivas e alternadas de placas de calcário e argila até a última, utilizada para regularização e nivelamento para receber o revestimento cerâmico do piso (tijolos em espelho).

A porção posterior da igreja é circundada por uma pequena calçada externa que se entrompe na fachada. Nessa parte o revestimento interno e externo das paredes foi feito de tijolos assentados sobre argamassa de barro com mãos de um metro de espessura.

A técnica construtiva adotada foi a de alvenaria de pedra e cal, observando-se a introdução de técnica de alvenaria mista em algumas porções das mesmas, possivelmente para o acabamento de pilares e arcos internos.

As dimensões dos blocos lavrados e trazidos de jazidas próximas surpreendem. O assentamento das lajes se dava com rejuntamento de argamassa de cal, procedendo-se a regularização dos níveis de assentamento com o emprego de placas de menores proporções, constituindo-se numa espécie de trama em paredes de face alinhadas, aptas a receberem revestimentos de argamassa de areia e cal.

Esse monumento religioso, conta também, amplas praças na lateral esquerda e na parte frontal que à vista do observador, faz com que suas proporções sejam aumentadas, sendo estas revestidas com pedras do tipo “cabeça de nego”.

A planta da Igreja da Conceição em forma de cruz latina, possui uma nave central e capela-mor, duas naves laterais, capela do Santíssimo, sacristia e sala anexa. Apresenta uma área aproximada de 1.100 m².

A fachada, em quatro planos, está encimada por um frontão de múltiplas volutas em S e estão ladeadas por pequenos corucheus.

As paredes são largas e apresentam estrutura de fortaleza. Medem mais de um metro nas paredes exyernas e dois metros na estrutura das torres. Foram feitas de vários materiais tais como: pedra, tijolo, cal, etc.

A fachada é composta por quatro corpos retangulares no sentido horizontal, contendo a base das pilastras no primeiro patamar, cinco portas e janelas no segundo corpo, uma espécie de arquitrave no terceira parte e frontão e torres no último. Os três vãos frontais de entrada da edificação possuem arcos plenos sendo o do centro maior em relação aos demais e os vão das laterais, arcos abatidos.

Acima do vão central do frontispício lê-se, em uma cartela retangular de ângulos chanfrados, a data do término da obra, com a seguinte inscrição: “Edificada a expensas do CAPm. Joaquim Antonio Siqueira Torres e sua esposa D. Joanna Vieira de Sandes, no anno de 1871”. O corpo da fachada é composto por duas pilastras de reboco que são um pouco salientes relativamente ao plano da frontaria, fazendo com que as duas torres monumentais se afastem em relação ao observador.

O estilo adotado na fachada é, deveras, gracioso e plural. Transita entre as influências do barroco tardio, do rococó, do neoclassicismo e de um hibridismo de feição popular, fazendo desse exemplar uma tipologia única nas terras alagoanas. Os motivos decorativos ai presentes, além de louvar a Virgem, traduzem uma modenatura leve e delicada, que através do bailado vegetalizado de seus ornamentos funcionam como um prolongamento do ornamento retabular.

3 DECORAÇÃO INTERIOR

O interior do templo da Conceição é suntuoso e monumental. A sua estrutura, foi concebida em tres naves, que, além de apresentar um arco cruzeiro gigante, contam-se ainda mais oito arcos, sendo quatro em cada lado. mais dois arcos falsos na estrutura da torre.

No concernente a ornamentação, ganha destaque o conjunto da talha de influência neoclássica executado por artistas baianos: o retábulo-mor e os retábulos colaterais. O retábulo-mor possui excelente talha ornada com motivos fitomorficos, elementos em azul e dourado, vasos florais, colunas com terços marcados, dentre outros. A base das colunas é retangular e constituída de unidades ornamentais que contém filetes e motivos fitomórficos. A mesa do altar apresenta a forma trapezoidal e apresenta uma infinidade motivos vegetais formando volutas. Duas colunas e três pilastras se distribuem em cada lado e apresentam fustes canelados com o terço inferior marcado por aneis e que por sua vez se assentam numa dupla base retangular ornada por motivos que lembram arabescos.

O conjunto de capitéis ai observados estão em consonância com a arte neoclássica, são compósitos e arrematados por um coroamento contendo um arco pleno ornado de colunas e motivos florais.

Na verificação do partido ornamental neoclassicista que se operou nas igreja da Bahia e de outra províncias abundam uma infinidade de aspectos.

Coerentes com a ordem compósita, as colunas nunca partem diretamente dos pedestais ou das bases, mas sim das almofadas circulares que ampliam a elegância e demarcam o seu princípio. São nos pedestais, pilastras, plintos ou pilares, nos tímpanos dos frontões e nos espaços vazios que os entalhadores baianos do Oitocentos exercitam mais seu poder criativo. As pilastras são ornadas: por reservas de moldura de perfis totalmente retos ou curvos nos vértices, que apresentam no interior uma infinidade de ornatos, compostos a partir do princípio básico da simetria, com folhagens e flores; por molduras entrelaçadas que se metamorfoseiam em folhas; por pendentis de fios de trifólios decrescentes terminados por fiada de pérolas também decrescentes; por volutas de faces retas, volutas com enrolamentos, volutas fitomorficas, flôres ovais, circulares, por arfolas segurando os pendentis, por fios de trifólios isolados decrescentes ou não; por composições tríades e retangulares de folhagens e flores; e muito raramente por feixe de espigas de trigos e ramos de videira, com cachos de uva sempre imitados pelas reservas de filetes de molduras e sempre dourados, confirmando o padrão cromático do século XIX – branco para os fundos e para as reentrâncias e dourado para os relevos. (FREIRE, 2006, p.303,304).

É imprescindível observar o quanto o repertório ornamental da Igreja Matriz de Água Branca está de acordo com os preceitos do neoclássico. Mesmo se tratando de uma tipologia dos rincões mais remotos da Alagoas, cujo acesso era dificultado principalmente pela geografia montanhosa.

Certamente os policiadores do estilo tratariam de uma forma mais agressiva, denominando-o de pobre, incompatível e canhestro como também foram denominados muitos exemplares alagoanos e sergipanos.

Levando em consideração todos os detalhes, consta-se um empenho, sem tamanho, do artífice e do barão em propiciar tudo que fosse possível para glorificar a Virgem, e, com isso, tornar muito mais formosa a casa do Deus.

Dadas às circunstâncias em que foram executadas, contando-se com as adversidades que afligem sempre a região do semiárido, o que ali se observa é um verdadeiro milagre da expressão religiosa, e, de certa forma, atesta o gosto do barão, e dos mestres de obra e artífices, aí empregados, em seguir e possibilitar aos fiéis, o que de melhor e mais moderno no assunto estava ocorrendo na capital – Maceió, e, principalmente, em Salvador – um dos principais polos irradiadores da talha neoclássica (figura 05).



Figura 05: Retábulo-mor e colaterais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca. Século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2019.

Um detalhe bastante expressivo desse conjunto retabular diz respeito ao seu coroamento em arco pleno encimado por motivos fitomórficos que em combinação formam a letra M de Maria. Dela pendem festões ornados de flores que se ligam às volutas. Aliás, os temas florais se repetem em variados elementos dos altares: nos capitéis, nas bases das colunas, nas faces dos degraus do trono, na mesa do altar, no sacrário, etc.

Um aspecto bastante original foi a colocação de um nicho no degrau superior do trono. Nele consta uma imagem, em tamanho reduzido, do Cristo crucificado. Logo abaixo, em tamanho natural, reina soberana o verdadeiro orago do templo: Nossa Senhora da Conceição, ladeada por São José e São João Menino.

As cores dispostas nesse ambiente são bem equilibradas : o azul e o dourado enfestam o templo de harmonia e delicadeza e dão a tônica do sentido neoclássico.

Os altares colaterais se ligam a uma tipologia, designada por Freire (2006). Pertencem ao décimo tipo: parietal arrematado por tabela, ornado de volutas fitomórficas e vasos.

Pelo que se pode apurar, o templo do Barão de Agua Branca não produziu uma pintura mais condizente com o nível da talha. A pintura figurativas no teto, de cariz popular traz encerrada num medalhão a iconografia de Nossa Senhora da Conceição. No restante do estrutura do forro, empregou-se bordas em branco e dourado numa imensidão de azuis, efeito utilizado para suprir um tratamento a guisa do neoclássico, onde o mesmo deveria evocar o reino celestial, ou seja, remeter a ábobada celeste com suas tonalidades de azul salpicada de estrelas (Figura: 06).



Figura 06: Forro com medalhão e salpicado de estrelas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca. Século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2019.

4 CONCLUSÃO

A Igreja Matriz de Água Branca é uma joia de precioso valor. Apresenta em seu projeto singularidades do estilo neoclássico que em muito ajudou a divulgar o município em amplitude considerável, tornando o turismo local mais dinâmico e vigoroso.

No dias iniciais de agosto, o evento maior da cidade – o Festival de Inverno – ocorre em torno do templo, favorecendo a procura dos visitantes pela apreciação dos tesouros artísticos da igreja da Conceição, pela observação do casario e da Capela do Rosário.

Mesmo se tratando de uma sítio onde a riqueza de matérias não abundavam, é, ainda assim, um exemplar arquitetônico bastante expressivo e de riquezas consideráveis. Certamente os polímeros do estilo tratariam de uma forma mais agressiva, denominando-o de pobre, incompatível e canhestro. Assim como foram denominados muitos exemplares do interior alagoano.

Levando em consideração todos os detalhes, consta-se um empenho, sem tamanho, dos artífices e do Barão de Água Branca em propiciar tudo que fosse possível para glorificar a Virgem, e, com isso, tornar muito mais formosa a Casa do Senhor. Dadas as circunstâncias em que foram executadas, contando-se com as adversidades que afligem sempre a região do semiárido, o que ali se observa é um verdadeiro milagre da expressão religiosa dos sertanejos, e, de certa forma, atesta o gosto do mecenas e dos mestres de obras e artífices, em seguir e possibilitar aos fiéis, o que de melhor e mais moderno no assunto estava ocorrendo nas capitais do nordeste litorâneo.

Contudo, todo o centro histórico Água Branca, inclusive sua matriz, encontram-se ameaçados pela especulação imobiliária, pela falta de manutenção e ausência de um projeto de lei que solicite urgentemente um tombamento dessa área, sobretudo da igreja, em escala nacional, pois sem esse marco tão importante, a história e a memória das gentes alagoanas, ficam mutiladas permanentemente.

5 REFERÊNCIAS

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

FURTADO, Ricardo Cavalcanti. *Piranhas: proposta de tombamento e plano de gestão*. Recife: Dantas Silva Editor, 2003.

OLIVEIRA, Pedro A. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. 357 p